

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Ana Paula Gonsalez Antonioli

**Edith Stein e a Psicopedagogia:
*uma aproximação a partir do conceito de empatia***

PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM PSICOPEDAGOGIA

São Paulo

2021



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ana Paula Gonzalez Antonioli

**Edith Stein e a Psicopedagogia:
*uma aproximação a partir do conceito de empatia***

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia, sob orientação da Prof. Dra. Vera Belardi Neto.

São Paulo

2021

Ao Responsável, por excelência, pela possibilidade de viver,
estudar, trabalhar e aprender.

Ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria,
misericórdia, força e abrigo, em todos os momentos.

Ao meu esposo, Dyogo;

aos meus estimados pais, Eurico e Maria Ligia;

à querida avó Augusta;

à irmã Maria Stela,

carinho e apoio constantes.

“Seu físico é um corpo material, mas, não é só isso, ele é um organismo formado e atuante por dentro; e outra vez, o ser humano não é só organismo e, sim, um ser vivo animado, aberto de modo especial – emocionalmente – para si mesmo e para seu ambiente; finalmente, é um ser espiritual, aberto para si mesmo e para os outros através de seu conhecimento e que pode formar livremente a si mesmo e aos outros”.

Edith Stein

RESUMO

Em meio ao contexto pandêmico de Corona vírus, recebeu destaque um tema já em voga, nas últimas décadas, devido à crescente crise nas relações humanas e à necessidade de ampliação do trabalho com as competências socioemocionais, no âmbito escolar. Trata-se da empatia, popularmente compreendida como a possibilidade de compadecer-se do próximo, colocando-se em seu lugar. Contudo, tal temática já havia sido estudada por Edith Stein (1891 - 1942), grande filósofa e teóloga alemã, professora, conferencista, judia convertida ao Catolicismo, que abraçou a vida religiosa carmelita e veio a falecer em um campo de concentração, sendo posteriormente canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz. Como orientanda e assistente de Edmund Husserl, fundador da Fenomenologia, seu estudo epistemológico sobre a empatia constituiu sua tese de doutorado, uma das primeiras da Alemanha. Nele, Edith analisa este fenômeno contrapondo-o a outras experiências humanas e evidenciando atrelar-se à formação da pessoa e ao campo das relações. Analisa o fato de que o ser humano, constituído por corpo, psique e espírito, apresenta uma estrutura comum, algo interior, que favorece a possibilidade de perceber o que o outro sente ou experimenta, de dentro para fora, reconhecendo-o como semelhante. As percepções externas seriam apenas um aspecto da empatia, a qual estaria identificada à uma experiência da experiência alheia, à um saber acerca da consciência do outro. Neste sentido, a atuação psicopedagógica, enquanto prática marcada pelo encontro, pela construção de relações de cuidado, pela abertura perceptiva ao outro, configuraria uma apreensão da empatia, presumindo-a como aspecto nuclear, mas, não exclusivo, possibilitando a construção de um vínculo comunitário entre profissional e paciente. Tendo em vista a empatia, destaca-se a importância de o psicopedagogo investir na qualidade das relações, no diálogo, na escuta e na expressão de seus pacientes e, ainda, mobilizar a superação das dificuldades dos sujeitos, conhecendo, valorizando e estimulando suas potencialidades.

Palavras-Chave: empatia, Edith Stein, Psicopedagogia, relações, ser humano, percepção.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. EMPATIA: UM TEMA MAIS DO QUE ATUAL	9
2.1. Pós-modernidade e pandemia	9
2.2. Competências socioemocionais: a empatia na BNCC	10
3. EDITH STEIN (1891 - 1942)	15
3.1. Biografia	15
3.2. O problema da empatia no contexto da fenomenologia: breve contextualização	19
3.3. A pessoa para Edith Stein: linhas gerais de uma abordagem filosófico-fenomenológica	20
3.4. A empatia segundo Edith Stein	24
4. PSICOPEDAGOGIA E EMPATIA	29
4.1. As dimensões, as condições e os problemas da aprendizagem: um panorama psicopedagógico	29
4.2. Reflexões sobre a possibilidade de aproximar a Psicopedagogia à ideia de empatia	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

A palavra “empatia” costuma estar atrelada, popularmente, aos sentidos de cuidado, bem querer e até mesmo de simpatia. Trata-se de um termo bastante utilizado na atualidade, especialmente em decorrência do contexto da pandemia de COVID-19 em que vivemos.

Muito se tem falado sobre a empatia, compreendida, em linhas gerais, enquanto capacidade de se colocar no lugar do outro, demonstrando, assim, compaixão e respeito. Neste sentido, por exemplo, o cumprimento dos protocolos de saúde também tem sido percebido como expressão de empatia pelo próximo.

Contudo, há que se mencionar o fato de que, anteriormente à pandemia, o termo em questão já vinha sendo bastante evidenciado no campo educacional, em decorrência da ampliação das discussões sobre as competências socioemocionais a serem trabalhadas no cotidiano escolar, como demanda do contexto pós-moderno marcado por uma crise nas relações.

Recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), diretriz oficial para a educação brasileira, elencou a empatia como uma das competências gerais a constarem em todos os currículos, a partir de 2020. Nesse documento, ela é apresentada no contexto do respeito, do acolhimento e da valorização do próximo, considerando-o em sua dimensão pessoal e cultural. A abordagem presente na BNCC ainda associa a empatia ao combate do preconceito.

A empatia tem sido, portanto, um tema bastante presente na atualidade. Contudo, não se trata de um tema recente, mas, já explorado e pensado em um estudo de caráter epistemológico pela grande filósofa e teóloga alemã, Edith Stein (1891 - 1942), sob a ótica da constituição do conceito de pessoa.

Como discípula e assistente de Edmund Husserl, fundador da Fenomenologia, Edith Stein elaborou sua tese de doutorado - sendo a primeira mulher alemã a fazê-lo - intitulada “*Sobre o problema da empatia*” (1916).

Considerando-se o exposto, o presente trabalho terá como objetivo partir de uma contextualização breve e geral do tema da empatia na realidade atual, focando-se, especialmente, na compreensão deste conceito a partir das contribuições de Edith Stein, tendo como referencial a fenomenologia. Para tanto, buscar-se-á, também,

situar este campo de conhecimentos, bem como outros alicerces de pensamento de Edith Stein sobre a formação da pessoa.

Por fim, buscar-se-á relacionar a empatia à Psicopedagogia, realizando, assim, uma aproximação com o pensamento steiniano, bem como refletindo-se sobre alguns elementos práticos.

2. EMPATIA: UM TEMA MAIS DO QUE ATUAL

2.1. Pós-modernidade e pandemia

A sociedade pós-moderna tem passado por inúmeras transformações, em especial, nas últimas décadas. Assiste-se, cada vez mais rapidamente, ao advento de novas tecnologias que têm favorecido a circulação de informações, a disseminação da cultura, a comunicação e o acesso aos bens de consumo, por exemplo.

Convém mencionar que, no atual contexto de pandemia de COVID-19, constatou-se ainda mais o desenvolvimento e difusão de novos aplicativos e programas para celulares e computadores, os quais se revelaram bastante úteis para comunicação e interação em tempos de afastamento social e até mesmo de isolamento, para muitos.

Contudo, se por um lado as novas tecnologias têm sido muito positivas, há que se considerar, também, seu impacto na formação dos indivíduos, uma vez que estes têm recorrido cada vez mais a tais recursos.

Refletindo sobre a dependência crescente das pessoas com relação aos celulares, por exemplo - enquanto meio para comunicação, estudo, consumo etc. - seria conveniente perguntar: até que ponto as pessoas estariam se aproximando e se relacionando, de fato?

Neste sentido, em diversas de suas obras, o filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman aponta existir uma crise nas relações estabelecidas no contexto pós-moderno. Assim, apesar de conectadas, virtualmente falando, as pessoas não estariam, propriamente, em relação umas com as outras.

Conforme Bauman (2004), as associações seriam menos duradouras, qualificando-se como “líquidas”, rasas, fugazes, não permitindo aos envolvidos construir uma identidade, uma verdadeira integração. Além disso, uma consequência ao âmbito social seria a desintegração da solidariedade. Até que ponto a empatia - tão mencionada no contexto da pandemia - estaria sendo vivenciada?

Ao “preservar a distância”, nas palavras de Bauman, as novas tecnologias influenciariam, diretamente, o crescimento do individualismo e até mesmo do isolamento e da solidão, proporcionando o crescimento, inclusive, de doenças de cunho emocional em populações de todas as faixas etárias.

E quando o afastamento social é forçoso e necessário, devido à disseminação pandêmica do COVID-19 - como se experimenta, atualmente - sendo mais do que nunca preciso utilizar essas tecnologias para diversos fins? Há que se considerar o contexto diferenciado e desafiador em que se vive, hoje em dia, desde o primeiro trimestre de 2020.

Quanto à realidade atual de pandemia, houve ainda mais necessidade de estabelecer relações virtuais, inclusive de ensino e aprendizagem, uma vez que grande parte das escolas - por demandas de saúde, principalmente - passaram a adotar o sistema híbrido (presencial e virtual) de educação.

Assim, as crianças e os jovens - já, anteriormente à pandemia, em crescente contato com jogos virtuais e celulares, por exemplo - passaram a ficar muito mais tempo diante das telas, sendo ainda mais privadas do brincar imaginário e criativo em interação com outros.

Infere-se, ainda, que a crise nas relações e o crescente isolamento venha interferindo, diretamente, no processo de aprendizagem destes, considerando-os em sua integralidade.

Em síntese - perante as significativas mudanças nos modos de estabelecer relações, observadas já anteriormente à pandemia, bem como frente à atual demanda de afastamento social e de uso de tecnologias para relacionar-se - nota-se que o tema da empatia é de extrema importância, nos tempos atuais. Isto porque, em linhas gerais, ele remete ao resgate do olhar ao próximo e à valorização das interações.

2.2. Competências socioemocionais: a empatia na BNCC

Partindo-se de toda a problemática das relações no contexto pós-moderno, no âmbito escolar tem sido possível assistir cada vez mais à valorização do trabalho com o desenvolvimento das competências socioemocionais, inclusive como fator de proteção à saúde mental e prevenção do bullying. E tal abordagem também pode ser considerada bastante propícia aos tempos atuais de pandemia, em que a demanda de se resgatar a aprendizagem das relações é evidente.

Competência é definida, na Base Comum Curricular Nacional (BNCC), como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas,

cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

O trabalho com as competências socioemocionais, por sua vez, remete, especialmente, ao entendimento e manejo das emoções, com empatia, tendo em vista a tomada de decisões responsável.

A educação socioemocional, conforme o órgão denominado CASEL (SEL: Social Emotional Learning), contemplaria cinco eixos, explicitados a seguir:

Autoconsciência: envolve o conhecimento de cada qual, em suas potencialidades e limitações, tendo em vista manter a atitude de crescimento.

Autogestão: refere-se ao gerenciamento do estresse, dos impulsos e à definição de metas.

Consciências social: remete ao exercício da empatia, no sentido de colocar-se no lugar dos outros, respeitando a diversidade.

Habilidades de relacionamento: abrange as capacidades de ouvir o outro com respeito e empatia, falar de forma clara, cooperar, solucionar conflitos e combater o *bullying*.

Tomada de decisão responsável: remete às escolhas pessoais, tendo em vista o respeito às normas e à ética.

Nas novas diretrizes de educação propostas pela Base Comum Curricular Nacional (BNCC), as competências socioemocionais constam nas dez competências gerais, apresentadas a seguir, sendo indicado a todas as escolas, até 2020, implementá-las em seus currículos.

As competências gerais presentes na BNCC são:

Conhecimento: remete à valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos, para entender e explicar a realidade, bem como para participar da sociedade de maneira colaborativa.

Pensamento Científico, Crítico e Criativo: refere-se ao exercício da curiosidade intelectual e recorre à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções, com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Repertório Cultural: relaciona-se à valorização e fruição das diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Comunicação: refere-se à utilização de diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos.

Cultura Digital: remete à compreensão, utilização e criação de tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas.

Trabalho e Projeto de Vida: refere-se aos conhecimentos e experiências que possibilitem aos sujeitos entenderem as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Argumentação: relaciona-se à capacidade de argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Autoconhecimento e Autocuidado: remete à capacidade de conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Responsabilidade e Cidadania: refere-se ao agir pessoal e coletivo, com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Empatia e Cooperação: remete ao exercício da empatia, ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, combatendo-se preconceitos de qualquer natureza.

Perante o exposto, de modo geral, o trabalho com as competências socioemocionais têm sido uma demanda cada vez mais evidente no contexto da sociedade atual, sobretudo entre as crianças e os jovens. Este investimento

beneficiária, ainda, o desempenho escolar e a manutenção de uma sociedade propícia às relações.

É possível notar, ainda, que a questão da empatia, como é popularmente concebida, encontra-se presente em diversos eixos da BNCC, não somente naquele em que é explicitamente citada enquanto título de uma das competências. Trata-se, assim, de uma temática extremamente importante aos tempos atuais, sobretudo no contexto educacional

3. EDITH STEIN (1891 - 1942)

Depois da breve contextualização do tema da empatia - tomando-se como referência os tempos atuais e, especialmente, o âmbito educacional - pretende-se, a partir de então, resgatar alguns elementos da abordagem de Edith Stein quanto à essa questão.

Primeiramente, considera-se importante apresentar certos fatos de sua vida, seu percurso existencial, contextualizando-a em seu tempo, em seu campo de atuação, enquanto célebre figura dos âmbitos acadêmico e religioso que deixou um brilhante legado.

3.1. Biografia

Edith Stein, como é mundialmente conhecida, ou Santa Teresa Benedita da Cruz, carmelita descalça, foi uma das mulheres mais importantes do século XX. Conquistou seu lugar no mundo da cultura com sua competência filosófica e, no mundo da Igreja, com sua santidade, sendo posteriormente conhecida como Santa Teresa Benedita da Cruz.

Nasceu de uma família judaica, em 12 de outubro de 1891, em Breslau, Alemanha (hoje Wroclaw, Polônia). Última dos 11 filhos, seus pais eram israelitas ortodoxos. Não havia completado 2 anos quando perde seu pai, Siegfried. A mãe, Augusta, mulher de qualidades excepcionais, tomou a frente dos negócios e da família. Por ser a caçula, foi sempre coberta de carinhos por seus irmãos.

Inicialmente, assumiu a identidade judia. Mas o caráter pensativo e independente levou a pequena Edith a distanciar-se das práticas religiosas. Em seus questionamentos e buscas, aos 11 anos de idade, abandona a fé judaica. Embora tenha abandonado a prática da religião hebraica, nunca renunciou suas raízes.

Enquanto estudante, Edith superou todas as alunas pela profundidade de seus conhecimentos, sem deixar de lado sua humilde modéstia. Preparava-se para a universidade, o que não era comum para uma mulher, naquela época, e já era bastante preocupada com a questão social e com a posição da mulher, que não tinha nem direito a voto. Era feminista convicta e, no próprio grupo de amigos, lutava pela igualdade de direitos entre homem e mulher.

A mãe, que acompanhava cada passo da filha, percebia, no entanto, que a religião da infância desaparecera e que a jovem passava por uma grande crise de fé. Cansada de procurar respostas e não as encontrar, Edith decide procurar as respostas no próprio homem, na Filosofia. “*Estamos no mundo para servir a humanidade*”, dizia.

A aproximação de Edith Stein com a fenomenologia se deu já nos anos de sua formação na Universidade de Breslau. As matérias escolhidas por Stein eram parte das ciências do espírito, sendo elas História e Filologia, especialmente Germanística. Posteriormente, Stein frequentara as disciplinas de Filosofia, ministrada por Richard Höningwald, e de Psicologia Experimental, ministrada por Louis William Stern, nas quais ambos os professores lhe apresentaram os escritos de Edmund Husserl.

Em 1913, transfere-se para a Universidade de Göttingen, atraída pela Escola da Fenomenologia, que tinha em Edmund Husserl seu maior expoente.

Em 3 de agosto de 1916, Edith Stein recebeu a nota máxima com o seu trabalho de doutorado, “*Sobre o problema da empatia*”, e uma recomendação para a carreira acadêmica. Foi uma das dez primeiras doutoras formadas na Alemanha, e a segunda em filosofia, sendo a primeira a sua amiga e futura madrinha Hedwig Conrad-Martius.

Tornando-se assistente de Husserl, fica responsável por transcrever os manuscritos do filósofo, além de ministrar aulas de introdução à Fenomenologia, o que chamou de “jardim de infância”. No entanto, Stein começou a se sentir insatisfeita com as árduas tarefas assumidas e o tipo de relação que tinha com Husserl. Ao contrário do intercâmbio imaginado, Stein se deparou com um Husserl solitário, submerso em suas reflexões e não muito aberto ao diálogo. Com isso, foi se indispondo e decidiu pôr fim à parceria com o filósofo.

No entanto, é importante salientar que esse rompimento foi apenas acadêmico, posto que a filósofa sempre guardou um sentimento de admiração e gratidão por seu mestre. Além disso, nunca deixou de ser fenomenóloga, visto que prosseguiu com suas análises fenomenológicas de diversos temas e problemas. Por exemplo, pode-se perceber claramente a presença do método fenomenológico até em suas obras mais tardias, como no escrito “*A estrutura da Pessoa Humana*”, de 1932, onde Stein realiza uma antropologia fenomenológica.

O contato de Edith Stein com a Fenomenologia ocorreu de forma muito intensa, de modo que ela foi profundamente influenciada pelo método fenomenológico de Husserl. O percurso de Edith Stein na fenomenologia foi muito peculiar, visto que esta não se restringiu somente às análises de Husserl. Ela também desenvolveu sua própria concepção de Fenomenologia. Stein teve uma trajetória de vida intensa, dedicada principalmente às questões relativas ao ser humano e à busca pela verdade. É possível afirmar que sua vida e obra se confundem.

Aos poucos, Edith começou a perceber algo que a surpreendeu: todos aqueles grandes estudiosos, em sua maioria judeus como ela, eram convertidos ao cristianismo. Max Scheler era católico, e despertou nela uma abertura para o mundo da fé.

Estoura a Primeira Guerra Mundial e Edith, que estava imersa em seus estudos filosóficos, percebe que não podia ser feliz sozinha, que a sorte de seus irmãos também era a sua. Em 1915, trabalha como enfermeira da Cruz Vermelha e é tão dedicada que recebe uma medalha de honra ao mérito.

O encontro com o sofrimento, a busca da Verdade, o sentido profundo de humanidade e bondade presentes em seu coração abrem lentamente a porta para a fé cristã. A guerra fez uma vítima queridíssima a ela, um amigo filósofo, cuja esposa também sua grande amiga a convida para organizar para publicação os escritos do marido.

Ao encontrar a viúva, surpreende-se ao vê-la serena e tranquila ante o drama da morte. A mulher era uma cristã autêntica que enfrentava a dor com toda a sua fé. De seu rosto abatido pelo sofrimento emanava uma luz misteriosa. Edith ficou profundamente impressionada: compreendeu o valor da cruz. *“Foi o meu primeiro encontro com a cruz, minha primeira experiência da força divina que da cruz emana e se comunica aos que abraçam... Pude contemplar a Igreja nascida da paixão salvífica de Cristo... Foi o momento em que a minha incredulidade caiu; empalideceu o hebraísmo e Cristo se elevou radiante diante de mim, Cristo no mistério de sua cruz”*.

A experiência fundamental para a sua conversão ao catolicismo foi a leitura da autobiografia de Santa Teresa d'Ávila, lida de um só fôlego, numa noite insone. Ao final da leitura disse a si mesma: *“Eis a Verdade”*. Na Doutora mística ela encontrara as respostas que há muito tempo buscava e que a filosofia não a havia dado. A Verdade era a presença de Deus e ao descobri-la, Edith sentia em si o desejo de entregar-se inteiramente a Ele.

Foi batizada em 1 de janeiro de 1922, e na noite do mesmo dia, recebeu a Eucaristia. Chamava-se agora Teresa Edwiges, Teresa em homenagem à santa responsável pela sua conversão, e Edwiges, por ela ser sua madrinha e aquela que lhe oferecera a biblioteca onde encontrara o livro.

No cristianismo, Edith compreendeu melhor o judaísmo e tudo ganhou novo sentido. Convertendo-se, não renunciou a ser judia, quis sê-lo plenamente. Porém, podia compartilhar o que experimentava com os familiares. Uma das irmãs, chamada Rosa, no entanto, começou a compreendê-la e ajudá-la.

Desde o primeiro momento da conversão, ela sonhou com o Carmelo. Mas os sacerdotes a aconselharam a ficar no mundo para prosseguir, agora como católica, a missão de conferencista e formadora. Até sua entrada no Carmelo, ela foi um grande auxílio para a filosofia católica. Procurou aprofundar-se na fé e no conhecimento dos grandes filósofos cristãos, especialmente Santo Tomás de Aquino, do qual fez uma bela tradução alemã.

Com o fortalecimento do nazismo, em 1933, foi decretada uma medida que excluía os não-arianos de todos os empregos públicos. Encerrou, assim, uma carreira docente brilhante para encontrar-se com seu amado: Cristo Jesus. Deus a atrai ao Carmelo, e aos 42 anos, chega o momento de oferecer-se inteiramente a Ele. Ao pedir para entrar no Carmelo de Colônia disse: *“Não é a atividade humana que nos salva, mas somente a Paixão de Cristo. Participar dela é a minha única aspiração”*.

No dia 15 de abril de 1934, Edith recebe o hábito religioso e o novo nome, que ela mesma escolhera, como que a resumir sua espiritualidade: Teresa como a grande Reformadora que lhe indicara a Verdade e a introduzira na Igreja; Benedita, numa homenagem ao fundador dos beneditinos, de quem aprendera o amor à liturgia; da Cruz, que seria para sempre seu sinal característico como que a prenunciar seu holocausto.

O cerco do nazismo cada vez mais se apertava. O coração carmelita de Edith sofria por seu povo. Tinha notícias contínuas das perseguições terríveis contra os hebreus. Aos poucos toda a sua família se separara: alguns refugiaram-se na própria Europa, outros nos Estados Unidos, um irmão já estava na Colômbia. Irmã Teresa Benedita previa, com perfeita lucidez, a sorte que a aguardava e não se iludia. Faz os votos perpétuos em 21 de abril de 1938.

Ao Carmelo de Colônia começam a chegar notícias preocupantes. A carmelita judia já não podia publicar seus escritos, nem nas revistas católicas. A

polícia alemã sabia que naquele convento estava uma famosa judia. Ela teme pela segurança de suas irmãs, pois todas poderiam sofrer represálias por conviverem com uma não-ariana. Pensa-se urgentemente numa transferência.

Em 31 de dezembro de 1938, chega ao Carmelo de Echt, na Holanda. Em março de 1939, Irmã Teresa pede à Madre Superiora para se oferecer como vítima de expiação. Ela faz um ato de oferta da própria vida para a conversão dos judeus. Em 1941, dá início ao livro *Ciência da Cruz*, escrito em comemoração ao IV Centenário de nascimento de São João da Cruz. Esta obra ficou inacabada, mas é considerado o fruto mais maduro de sua personalidade.

É do silêncio e da solidão do Carmelo que, no dia 2 de agosto de 1942, ela e sua irmã Rosa são arrancadas, para iniciar uma viagem sem retorno. Foi a “força que emana da cruz” que lhe deu a coragem de dar a vida pelo seu povo numa câmara de gás, no campo de concentração de Auschwitz, aos 9 de agosto de 1942. Edith Stein é a primeira testemunha de Israel que uniu os sofrimentos de seu povo com a imolação de Cristo.

Em 1 de maio de 1987 é beatificada pelo Papa João Paulo II, que diz: *“Uma grande filha do povo hebreu e uma grande carmelita, entre milhões de irmãos inocentes martirizados. Não fugiu diante da cruz, mas abraçou-a com esperança”*. Foi canonizada em 11 de outubro de 1998, e sua festa é celebrada no dia 9 de agosto - memória litúrgica de Santa Teresa Benedita da Cruz. Também foi nomeada uma das padroeiras da Europa.

3.2. O problema da empatia no contexto da fenomenologia: breve contextualização

Tal como anteriormente mencionado, a tese de doutorado de Edith Stein teve como título *“Sobre o problema da empatia”* (1916). Mas, por que será que ela teria abordado o tema da empatia considerando-o enquanto “problema”? Convém retomar, portanto, alguns pontos acerca da fenomenologia para que a questão da empatia possa ser contextualizada neste campo.

A Fenomenologia, cujo teórico fundador foi Edmund Husserl (1859-1938), pode ser compreendida como “estudo dos fenômenos”, ou seja, “daquilo que aparece, que se manifesta”. O enfoque fenomenológico valoriza, portanto, o fenômeno, a

experiência. Deste modo, contempla, também, as ideias de fluidez, de mutabilidade, de pluralidade que marcam as vivências humanas.

A Fenomenologia considera haver relação entre o que se passa internamente, no ser humano, com fatores externos (por exemplo: quem gosta, gosta de algo; quem vê, vê algo). Ou seja, todo ato mental incorpora algo de fora de si; deste modo, ter consciência é ter consciência de algo. Neste sentido, a consciência se direciona a algo, tem uma intencionalidade, uma direção.

Segundo a Fenomenologia, a forma de ver/perceber o presente se relaciona às vivências que já tivemos. Contudo, a ideia seria voltar a ver a essência das coisas, no aqui e agora, sem julgamentos e interpretações. O foco não é interpretar, mas, entender o presente. Tomar consciência de si, aqui e agora; compreender-se sem julgamentos. Por isso, a prevalência da pergunta “como?” em relação à pergunta “por quê?”

Tendo em vista o exposto, é possível perceber que a concepção de empatia ganha todo sentido no contexto do projeto fenomenológico de Edmund Husserl e Edith Stein; de fato, torna-se um problema a ser analisado.

Assim aponta o Professor Juvenal Savian Filho:

Se a fenomenologia, em grandes linhas gerais, pode ser vista como uma investigação geral de nossa percepção, de nosso trazer à consciência o que experimentamos, surge, então, o problema de saber como conhecemos aquilo que se passa na consciência do outro. Afinal, uma coisa é investigar nossa percepção do mundo externo e de nossos atos internos; outra coisa é investigar como conhecemos o que se passa na percepção que o outro tem do mundo e de si mesmo, ou ainda saber como temos acesso ao que o outro experimenta e como fundamos a intersubjetividade. (FILHO, 2014, p. 34/35).

Contextualiza-se, portanto, o trabalho de Edith Stein no campo epistemológico e, de fato, se reconhece a complexidade do tema da empatia.

3.3. A pessoa para Edith Stein: linhas gerais de uma abordagem filosófico-fenomenológica

Para compreender a empatia sob a ótica de Edith Stein, considerando-se o campo da Fenomenologia, considerou-se necessário, primeiramente, apresentar, em linhas gerais, a maneira como a autora compreende a noção de pessoa.

Segundo a Professora Ângela Ales Bello, da Universidade Lateranense de Roma, grande estudiosa de Edith Stein, a noção de pessoa é resultado de um complexo processo cognitivo-valorativo; não se trataria, portanto, de algo banal. Para compreender essa noção, segundo o pensamento steiniano, não bastaria pautar-se na experiência introspectiva, pessoal; seria necessário refletir sob a perspectiva fenomenológica, realizando, primeiramente, uma pesquisa “*intrapessoal*”.

Neste sentido, Ângela Ales Bello aponta a questão de que:

(...) nos conhecemos, mas também não nos conhecemos; gostaríamos de nos conhecer melhor e em dois níveis: o relativo à nossa personalidade individual e o relativo à nossa estrutura como seres humanos. (...) Em termos husserlianos, trata-se da relação entre o eu puro e o eu empírico: um remete ao outro, e o eu puro é a condição do conhecimento do eu empírico. O eu puro é a evidenciação de uma estrutura na qual consiste o nosso viver tendo consciência de viver. (BELLO in FILHO, 2014, p. 16).

Referindo-se ao eu puro, nos termos de Edith Stein, o nosso viver estaria marcado por “experiências/vividos/vivências” acompanhadas por uma luz interior, a consciência.

Seria preciso, portanto, analisar o “fenômeno ser humano”, adentrando às fronteiras do desenvolvimento histórico, tendo em vista as ideias de Edmund Husserl expressas nas complexas noções de *epoché* ou retenção do juízo, redução à essência e redução transcendental.

Deste modo, seria necessário realizar

(...) uma reflexão sobre o que estou vivendo, na tentativa de compreendê-lo, penetrando mais profundamente em mim mesmo, para colher, se possível, como sou feito, qual é a minha estrutura como ser humano. Desse modo, apareço a mim mesmo como um fenômeno, no sentido etimológico da palavra, isto é, sou uma manifestação para mim mesmo. Nessa experiência, o que individuei? Em primeiro lugar, que sou capaz de distinguir entre as experiências, que sei defini-las, que colho o que as caracteriza essencialmente; portanto, sou capaz de colher a essência. Em segundo lugar, que as estou vivendo e sou consciente de fazer isso; tenho consciência disso. (BELLO in FILHO, 2014, p. 15)

Para compreender o “fenômeno ser humano”, Bello (2014) - conforme o pensamento steiniano - indica, ainda, que as experiências são vividas por nós com suas características singulares, mas, ao mesmo tempo universais. Cada qual teria uma estrutura essencial, diferente das demais, podendo ser agrupadas em certos âmbitos. Sobre esses agrupamentos, esclarece-se:

Os vividos perceptivos, que são que são o reflexo das sensações, distinguem-se, claramente, dos vividos que indicam reação de atração ou repulsão, instintos, tendências, tomadas espontâneas de posição, os quais, por sua vez, diferem da valoração, da reflexão, da decisão. Essas últimas são atos intelectivos, voluntários, que implicam uma tomada de posição consciente. (BELLO in FILHO, 2014, p. 17)

Assim, conforme o pensamento de Edith Stein, haveria 3 esferas nas quais aconteceriam esses vividos ou experiências humanas: a corporeidade, a psique e o espírito. “Sobre este último termo indicamos os vividos relativos à valoração, à reflexão, à decisão. Em outras palavras, ao que é propriamente humano” (FILHO, 2014, p. 17).

Deste modo, o termo “pessoa” pode ser utilizado referindo-se ao que distingue o ser humano dos demais seres, ou seja, o fato de ser espiritual. Neste sentido,“(...) o ser humano é um ser espiritual porque, ao contrário do animal, mostra que pode fazer coisas que exigem a capacidade de colher o sentido dessas mesmas coisas e tomar decisões valoradas e meditadas”. (FILHO, 2014, p. 17).

No processo de construção da noção de pessoa, há que se considerar a existência de seus semelhantes. Neste sentido, além da pesquisa “intrapessoal”, há que se ressaltar a pesquisa “interpessoal”, uma vez que o reconhecimento da própria singularidade nasceria em confronto com uma pluralidade.

O processo de delimitação e abstração de mim mesmo como ser humano conduz-me à universalidade de uma estrutura, não somente minha, mas, codividida. (...) Com efeito, o território dos vividos (vivências) dos quais se tem consciência é tanto a via para colher a alteridade mesma como a confirmação da presença do mesmo território na alteridade, por meio do vivido (vivência) da intropatia ou empatia. (BELLO in FILHO, 2014, p. 18 e 19)

A experiência humana é a de “ser com os outros”, como admite Husserl, que indica a importância de refletir sobre como se elabora a questão da alteridade. Há que se considerar que, ao falar no outro, já se realizou um percurso; a questão seria como se chega a este “outro”. Para iniciar esta reflexão, seria preciso ter em vista que o primeiro contato com o mundo externo ocorre por meio dos sentidos. Assim, Husserl e Edith Stein enfatizam a importância de avaliar a contribuição da experiência sensorial relativa a dois sentidos fundamentais: o tato e a visão.

O tato pode ser considerado o mais importante porque nos permite estabelecer os limites de nossa individualidade com relação às coisas que não somos não; permite-nos o primeiro delineamento do mundo físico, que consideramos externo. Externo e interno nascem, com efeito, de uma fusão originária que se torna uma distinção no momento

em que me dou conta de ter a sensação. Trata-se de uma relação peculiar entre a passividade da afecção e a reação da recepção (essa é a dimensão que Husserl chama de hilética). É nesse ponto que advém o reconhecimento em nível consciente: dou-me conta de ter a sensação e, portanto, apresenta-se uma percepção que é um vivido (vivência) ligado a um juízo perceptivo. (BELLO in FILHO, 2014, p.20)

A visão também teria um papel importante de orientação de construção junto ao captar tatilmente o espaço físico.

E como chegamos à noção de ser vivo? “O que é vivo é semelhante a nós”, mas, como descobrimos essa semelhança? Segundo aponta Bello (2014), a visão ajuda bastante na distinção dos diversos seres e elementos. Também, a “associação analógica” desempenha um papel importante nesse processo de constituição/reconhecimento da alteridade. “Posso dizer que aqui há um corpo semelhante ao meu e é assim que nasce o alter ego” (BELLO in FILHO, 2014, p. 21).

Consigo mesmo compreender o que os outros estão vivendo. Com isso, vivo então a peculiar intuição, o particular vivido (vivência) que se chama intropatia, aquele ‘sentir em’ que me permite dar-me conta, sempre de fora e permanecendo eu mesmo, do que o outro sente ou experimenta; posso entrar, ao menos, aproximativamente, na estrutura da sua vida psíquica”. (...) “Intuo a vida espiritual do outro como semelhante à minha; sou alcançado plenamente pelo alter ego. E, se há uma vida espiritual, então estou diante de uma pessoa, como sou eu. (BELLO in FILHO, 2014, p. 22)

Retornando um pouco à gênese da pessoa humana, Husserl considera a relação física com a mãe indispensável para a formação do campo perceptivo e está ligada às primeiras necessidades da criança, no sentido de satisfazê-las.

Vê-se, aqui, a ligação entre impulsos físicos e psíquicos em sua contiguidade e, originariamente, sua indistinção. Apenas na sequência vem o destacar-se da mãe, possibilitando a formação do espaço e do corpo da mãe como elemento espacial. Na fase inicial, há um preenchimento, como satisfação de necessidades; não há ainda o reconhecimento de uma alteridade. (BELLO in FILHO, 2014, p. 24)

Husserl considera que, na fase inicial da vida, o eu estaria presente potencialmente, á que o bebê não seria, ainda, consciente de suas ações. Por isso, o contexto de suas primeiras relações não poderia ser considerado como empatia, em si. “Não é ainda intropatia (empatia), mas, inicia aquele processo de colhimento da corporeidade própria e alheia como pressuposto da conexão eu-tu”. (FILHO, 2014, p. 25). Para Husserl, a criança aprende a dizer “eu”, aprende a se diferenciar do outro/da mãe por meio da linguagem subjetiva-relativa.

Não se trata de uma interiorização de algo que vem do exterior, mas de um tirar de dentro, por meio do contato com o externo, aquilo que dentro é contido potencialmente. É nesse momento que se iniciam os graus de desenvolvimento empático por meio do progressivo reconhecimento do outro como alguém que possui seu campo de sensações e ações. (...) O grau mais alto é aquele da relação empática, tomada como reconhecimento da outra corporeidade semelhante à minha, mas também dos movimentos psíquicos alheios, semelhantes aos meus, dos seus pensamentos, das suas ações. (BELLO in FILHO, 2014, p. 25)

Segundo aponta Bello (2014), conforme o pensamento steiniano, este seria um ponto de chegada o qual se alcança progressiva e lentamente, sendo que tal processo continuaria na vida adulta.

Este trajeto permite compreender o sentido do processo de aprendizagem. “A aprendizagem advém por meio da empatia. E a empatia é uma apercepção de semelhança e não um raciocínio analógico” (FILHO, 2014, p. 26). Afinal, conforme Husserl, a aprendizagem não abrangeria somente o ver e tocar certo objeto, como uma tesoura, por exemplo, mas apreender seu sentido e seu uso, compreendendo seu funcionamento em relação a uma alteridade.

3.4. A empatia segundo Edith Stein

A empatia é um tema que costuma despertar interesse, suscitar inúmeras tentativas de interpretação; porém, seria um assunto de difícil compreensão, segundo seus estudiosos.

Juvenal Savian Filho, Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, considera que

(...) talvez porque a associem à simpatia e a algo como uma postura de compreensão interpessoal solidária, muito dos que se aproximam da abordagem fenomenológica da empatia mostram relutância em concebê-la em um registro, digamos, epistemológico, como fez Edith Stein, e não aceitam que ela tenha apenas essa valência. (FILHO, 2014, p. 30).

Buscando refletir sobre o tema da empatia, Savian recorre, então, ao trabalho doutoral de Edith Stein, elaborado sob a orientação de Edmund Husserl, o qual tem como título “*Sobre o problema da empatia*” (1916). Cabe mencionar que esta tese não pôde ser conhecida por completo, já que a primeira parte dela “se perdeu”.

Primeiramente, explicita-se que a autora não fornece uma definição de empatia e não a analisa, em si, “(...) mas por contraposição a outros atos de consciência pura” (p.31). Neste sentido, tendo em vista as elaborações de Edith Stein, “(...) seu trabalho é de colher a essência dessa experiência humana inegável” (FILHO, 2014, p. 32).

A primeira formulação do que seja a empatia aparece no final da segunda parte da tese de Edith Stein.

Após tomar como ponto de partida que experiências alheias aparecem a um sujeito, Edith afirma que somos remetidos a um tipo (gênero) de ‘atos nos quais é possível colher a experiência alheia mesma’. Esclarece ela que é com base nesses atos que se pode conceber a empatia, e ela a designa, de modo geral, como uma percepção. (FILHO, 2014, p. 33)

Edith Stein usa certa palavra alemã que se traduz em dar-se conta, notar, perceber. No parágrafo 5 da segunda parte de sua tese, Edith menciona “um experimentar a experiência alheia”. (FILHO, 2014, p. 33).

Edith Stein aborda o caráter emocional, os sentimentos empatizados, para explicitar de que ordem é essa experiência. Sendo assim, ficaria claro o sentido literal do termo empatia: “Einfühlung – trata-se da experiência ou do provar/sentir (fühlen) que faz penetrar na (ein) compreensão daquilo que a experiência remete, ou seja, a experiência (vivência) alheia”. (FILHO, 2014, p. 33). Cabe mencionar que, para destacar a riqueza etimológica do termo, alguns estudiosos propõem as traduções “intropatia” ou “entropatia”, também tendo em vista não favorecer a associar com “simpatia”.

Convém destacar, também, que ao falar de sentimentos empatizados, “(...) Edith não situa a empatia na ordem afetiva; ela se refere à certeza que é sentida pelo sujeito quando capta o sentido de algo; trata-se de uma experiência indecomponível que acompanha o trazer à consciência”. (FILHO, 2014, p. 35)

Ainda no parágrafo 5 da segunda parte de sua tese, Edith menciona “um saber (wissen) referente à consciência alheia”.(FILHO, 2014, p. 34) Conforme ressalta Savian, escolhendo o termo “*wissen*”, que remete ao ato de saber, ao saber em ato ou ato de ciência - e não ao conjunto de saberes que se denominam ciência - Edith Stein

dá a chave da compreensão da empatia: não se trata de uma intuição ou de uma simples emoção, mas de um saber do que se passa na consciência alheia, uma experiência da experiência alheia, um perceber aquilo que o outro vivencia, ou, ainda, um sentir o que o sente o outro. (FILHO, 2014, p. 34).

Segunda aponta Savian, Edith Stein esclarece que “a empatia não pode ser confundida com percepção externa, embora tenha certa analogia com ela”. (FILHO, 2014, p. 35) Ela menciona o exemplo de um amigo que relata ter perdido um irmão. O dar-se conta da dor do outro “(...) seria um ato empático, mas, não uma percepção externa, pois não é possível ter percepção externa da dor”. (FILHO, 2014, p. 36)

Neste sentido, no nível da percepção externa, pode-se ter os traços físicos, a face de dor do amigo; ou, este pode não expressar esta dor, fisicamente. O que estaria em jogo não é o que o outro externaliza, fisicamente, já que “esses traços não são a dor e nem minha experiência de dor se confunde com a percepção física dos traços de dor.” (FILHO, 2014., p. 36)

Conforme aponta Savian, explicando as elaborações de Edith Stein,

(...) é preciso distinguir, portanto, entre: 1) a experiência alheia, vivida pelo outro em sua experiência interna; 2) a percepção física que um sujeito pode ter dos traços que acompanham a experiência alheia; 3) a experiência que esse sujeito tem da experiência interna alheia. (FILHO, 2014, p. 35)

Esta percepção externa estaria relacionada à toda concretude do “aqui e agora”. Contudo,

(...) na empatia, o objeto também se dá no aqui e agora, mas, não em carne e osso. (...) A experiência empática é de outra ordem. (...) Quando tenho percepção externa, aquilo que é percebido é apenas um lado de uma coisa. (...) Como diz Edith Stein, a face de dor de meu amigo é um dado originário para mim. Quer dizer, são atos originários, doadores de sentido. (FILHO, 2014, p. 36/37).

Neste sentido, convém esclarecer que “Edith identifica a originalidade nas vivências próprias especificamente enquanto são doadoras de sentido à reflexão de um sujeito que se dá conta delas, ou seja, no momento da aparição à consciência em primeira pessoa” (FILHO, 2014, p. 36).

Conforme a autora, todas as nossas vivências seriam doadoras de sentido, “(...) mas, no caso da experiência empática, a vivência do sujeito que empatiza não é a mesma do sujeito empatizado, sendo a empatia cooriginária por seu sentido, não por seu ato”. (FILHO, 2014, p. 37).

Ampliando-se um pouco mais, conforme Edith Stein, pela empatia não se vive a experiência do outro, já que esta seria uma vivência única, sua, pessoal; vivencia-se, sim, o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. “Não vivencio a vivência da dor do meu amigo, mas, vivencio ‘a’ dor, como meu amigo também

vivência. A empatia, portanto, não me põe dentro do outro, mas, faz que eu me dê conta do objeto de sua experiência, o conteúdo”. (FILHO, 2014, p. 38)

Edith ainda identifica três graus ou três modalidades da própria atuação, referentes às vivências, os quais não ocorrem, necessariamente, já que se pode parar em algum deles. Seriam: 1) a emersão ou aparição da vivência (a experiência vivida pelo outro emerge diante de mim); 2) a sua explicação preenchedora de sentido (colho o sentido que essa vivência oferece, colho seu objeto) e 3) a objetivação compreensiva da vivência/experiência explicitada (ela se torna objeto para mim, por meio da clareza que me dá a compreensão).

Edith considera que os sujeitos da vivência empatizada (amigo) e quem cumpre o ato de empatizar (eu que empatizo sua dor) são distintos, mas, trazem em si “uma consciência de identidade, uma continuidade de vivências” (FILHO, 2014, p. 39). A experiência de quem empatiza seria não originária, mas, cooriginária, ou seja, não nasce, de maneira viva, de seu eu; é captada pela experiência do outro.

É importante mencionar que a empatia não pode ser associada a recordações, esperança ou fantasia, pois estas “presentificam vivências que foram ou serão originárias. Presentificadas, também já não serão originárias, mas simplesmente presentificadas”. (FILHO, 2014, p 40).

Conforme considera Savian, ninguém confunde o ato da visão com o ato da audição (atos de percepção externa), nem um ato valorativo (apercepção de um valor) ou de ideação, mas haveria dificuldade de identificar um ato empático.

Assim ele afirma:

(...) nem sempre conseguimos distinguir quando um ato é uma experiência da vivência alheia no sentido de que vivenciamos o objeto dessa vivência alheia e não ela mesma ou menos ainda nos identificamos com o outro. Para sermos precisos, devemos falar em empatia apenas nessa situação. Precisamos reservar o termo empatia para essa atuação exclusiva, sob o risco de não darmos a devida importância para o conjunto de atos que dela decorre. Daí a conclusão explícita e impactante de Edith: por meio da empatia chegamos a um tipo de atos experiencias sui generis (sem igual). (FILHO, 2014, p. 40)

4. PSICOPEDAGOGIA E EMPATIA

4.1. As dimensões, as condições e os problemas da aprendizagem: um panorama psicopedagógico

Antes de se procurar estabelecer uma relação entre a Psicopedagogia e a ideia de empatia, observou-se a importância de esclarecer este campo de atuação, o qual, em síntese, relaciona-se ao estudo dos processos de aprendizagem, à investigação das dificuldades de aprendizagem, ao levantamento de hipóteses diagnósticas frente a estas e às intervenções, junto aos pacientes, mobilizando avanços.

Segundo Sara Paín (1985), o processo de aprendizagem não configura e nem define uma estrutura, mas, constitui um efeito e "neste sentido, é um lugar de articulação de esquemas (...) em que coincidem um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito" (PAÍN, 1985, p.15). A autora considera, assim, a existência de três dimensões relacionadas ao processo de aprendizagem: biológica, cognitiva e social.

Tratando-se da dimensão biológica da aprendizagem, há que se ressaltar as contribuições de Jean Piaget, o qual considera que o ser humano estaria munido de todo um aparato biológico/corporal que lhe permitiria interagir com seu meio, a partir de esquemas internos, mais ou menos estruturados. Porém, conforme insiste Piaget, as estruturas do conhecimento apresentariam a característica específica de serem construídas, o que seria possível na articulação entre as experiências do sujeito com seu meio e os esquemas endógenos do mesmo.

Com relação à dimensão cognitiva, considera-se três tipos de aprendizagem. O primeiro deles abrangeria a possibilidade de o sujeito adquirir novas condutas adaptadas a situações anteriormente desconhecidas ou surgidas a partir de ensaios e erros, enquanto forma de organização. O segundo tipo de aprendizagem estaria relacionado à regulação, ou seja, à confirmação ou correção de hipóteses a partir de elaborações internas, de modo a promover acomodação necessária. Haveria, ainda, a aprendizagem estrutural vinculada ao nascimento de estruturas lógicas do pensamento, "por meio das quais é possível organizar uma realidade inteligível e cada vez mais equilibrada" (PAÍN, 1985, p. 17).

A dimensão social do processo de aprendizagem situa-se no contexto do próprio processo educativo, que considera a existência do polo ensino-aprendizagem. Tal dimensão compreende a transmissão da cultura e a participação do sujeito em seu meio. Conforme indica Paín (1985), “educar consiste em ensinar, no sentido de mostrar, de estabelecer sinais, de marcar como se faz o que pode ser feito” (PAÍN, 1985, p. 17). Portanto, a dimensão social estaria relacionada à continuidade do processo histórico e à conservação da vida em sociedade, abrangendo, também, as possibilidades de manutenção ou mudança desta.

Paín (1985) também considera a existência de condições externas e internas da aprendizagem. As condições externas estariam relacionadas ao meio no qual o indivíduo se encontra inserido, sendo este o local privilegiado em que o mesmo encontra estímulos ou a carência dos mesmos.

As condições internas da aprendizagem estariam relacionadas a 3 planos, segundo a autora (1985): o primeiro deles seria o corpo, considerado como infraestrutura neurofisiológica ou organismo, sendo suas condições herdadas ou adquiridas influentes para que ocorram os processos cognitivos. O segundo aspecto estaria relacionado às condições cognitivas da aprendizagem, isto é, “às estruturas capazes de organizar os estímulos do conhecimento” (PAÍN, 1985, p. 22), abrangendo, portanto, a coordenação de esquemas voltados a cada um dos temas de ensino, bem como as “aptidões” e “predisposições” dos sujeitos e as modalidades de aprendizagem.

O terceiro plano estaria relacionado à dinâmica do comportamento. Neste sentido, há que se mencionar que “a aprendizagem é um processo dinâmico que determina uma mudança” (PAÍN, 1985, p. 23) e está atrelada às necessidades do sujeito, bem como às suas motivações e interesses, à estima dos outros ou ao prazer pela equilibração em si, por exemplo.

Tendo em vista as dimensões e as condições relacionadas ao processo de aprendizagem explicitadas acima, convém adentrar, propriamente, então, na questão das patologias da aprendizagem.

Conforme indicado por Paín (1985), é possível considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, ou seja, o fato de o sujeito não aprender não seria uma condição permanente, mas, uma sinalização, um indício de que algo estaria descompensado, sendo fruto de concomitantes fatores. Portanto, na busca pela equilibração do sistema, passa-se a adotar certo tipo de comportamento. Neste

contexto, há que se analisar o significado deste sintoma “dentro da estrutura total da situação pessoal” (PAÍN, 1985, p. 28), sendo seu diagnóstico multifatorial e configurado sempre como uma hipótese.

Para realização do diagnóstico, há que se considerar alguns fatores fundamentais. Um dos fatores remete ao corpo, às condições orgânicas, à saúde do sujeito, contemplando, especialmente, o funcionamento neurológico e glandular, bem como a qualidade da alimentação e do sono.

Há que se levar em consideração, também, fatores de ordem psíquica, podendo ser a não aprendizagem revelada pela manifestação de sintomas ou por retração, inibição intelectual. Conforme Sara Paín:

(...) o fator psicógeno do problema de aprendizagem se confunde, então, com sua significação. Entretanto, é importante destacar que não é possível assumi-lo sem levar em consideração as disposições orgânicas e ambientais do sujeito. (...) Consideremos que, com exceção das rupturas muito precisas, a significação do problema de aprendizagem não deve ser procurada no conteúdo do material sobre o qual se opera, mas, preferentemente, sobre operação como tal. (PAÍN, 1985, p. 32)

Mais um fator fundamental a ser considerado na realização dos diagnósticos refere-se ao meio ambiente material do sujeito, ou seja, às possibilidades reais que o meio lhe oferece, à quantidade, qualidade e frequência dos estímulos que constituem seu campo de aprendizagem. Contempla, ainda, características de moradia, bairro, escola, acesso ao lazer, aos esportes, acesso a canais diversos de cultura e estímulos relativos ao desenvolvimento profissional.

4.2. Reflexões sobre a possibilidade de aproximar a Psicopedagogia à ideia de empatia

Haveria possibilidade de aproximação entre a Psicopedagogia e a ideia de empatia? Para construir algumas reflexões sobre esta possível relação, buscar-se-á fundamento em um estudo do Professor Cristiano Roque Antunes Barreira, que teceu considerações sobre a temática da empatia tendo em vista diversas modalidades de esportes, como capoeira, dança, artes marciais, dentre outros, chegando, ainda, a abordar as relações educativas e, também, o cenário clínico psicológico/psicanalítico.

Conforme Barreira (2014), se, por um lado, a temática da empatia apresenta toda uma profundidade e relevância filosófica, por outro lado, “encontra o cotidiano ordinário da experiência de estar diante do outro, com o outro ou sem o outro”, fazendo-se algo comum à experiência interpessoal “que se oculta e não se tematiza, permanecendo implícita à nossa consciência mundana”. (BARREIRA in FILHO, 2014, p. 55)

No entanto, a empatia também emerge com espessura à consciência, por exemplo, nas formas de contato humano em que há atenção ao outro, preocupação, dúvida, cuidado. Nestes casos, segundo o autor, não se estaria lidando com puros fenômenos de empatia, “mas, com apercepções que presumem a empatia e a tem como aspecto nuclear, embora não exclusivo” (BARREIRA in FILHO, 2014, p. 55)

Considerando-se os pilares do trabalho psicopedagógico, apresentados no item anterior, é importante ressaltar a necessidade de se desenvolver uma percepção ampla acerca de cada sujeito e de seu contexto. Trata-se de uma atuação que se estabelece mediante a relação com o paciente, com seus familiares, até mesmo com outros agentes de seu grupo social/escolar.

Fatores como a escuta e o diálogo também surgem como essenciais para a configuração do diagnóstico; portanto, há a necessidade de se promover um “encontro pessoalmente significativo”, nos termos do Professor Cristiano Barreira, em que a interlocução costuma ser central para a relação de cuidado. Por isso, a relação próxima da Psicopedagogia com a questão da empatia.

Neste sentido, considera-se que a Psicopedagogia configura uma conduta em relação ao outro, um exercício de abertura perceptiva a este e às suas realidades, o que implica haver um fundo empático.

Para Stein, a relação que se estabelece entre pessoas no que se denomina sociedade acontece quando uma se põe diante da outra como sujeito dirigido a objeto. Já na comunidade, um sujeito aceita outro como sujeito e não lhe tem diante, mas, vive com ele e se determina por seus motivos vitais. Em ações meramente instrutivas, predominam relações de tipo social, mediadas por objetividades prontas. O instrutor ensina e o aluno a segue como objeto, com seus recursos tácitos, devendo ativá-las reprodutivamente. Há um vínculo social fundado em atos intersubjetivos previamente sedimentados e prontamente objetivos. Trata-se de um vínculo direto entre instrutor e aluno onde predomina, todavia, o que já é instituído, isto é, o saber pronto que tira da cena a pessoalidade da relação, dando lugar à relação entre objetividade e ação objetiva. (BARREIRA, in FILHO, 2014, p. 78)

Aproximando-se a Psicopedagogia ao pensamento steiniano, o trabalho psicopedagógico não se fundaria no estabelecimento de uma sociedade, uma vez que o paciente participaria com efetividade de um processo reflexivo e dialógico. Seria estabelecido, assim, um vínculo comunitário, um “corpo a corpo” existencial entre ambos.

Pela troca empática, o outro me dá novo acesso ao meu corpo permitindo-me percebê-lo e conduzi-lo de maneiras a que sozinho eu não seria capaz de chegar. Este processo de ir e vir, no corpo a corpo, de ver e sentir, imitar e recriar, mover-se e existencialmente posicionar-se no mundo, consiste numa reflexão corporal. Só a experiência comunitária afetivamente orientada possibilita esse processo reflexivo do corpo que também é físico, ainda que contemporaneamente existencial. Essa reflexão corporal não é uma produção intelectual, mas uma recondução à experiência intuitiva que não é apenas a de um sujeito individual, e sim, a de uma pluralidade de sujeitos em comunicação ponto (...) A esse respeito, Husserl faz referência à constituição de um mundo sensível comum: eu vejo, eu ouço, eu não tenho experiência somente com meus sentidos, mas, também, com os sentidos dos outros (...) o que é um fato de consciência para mim e para cada outro. (BARREIRA, in FILHO, 2014, p. 79)

Do ponto de vista dos graus de empatia mencionados pelo Professor Cristiano Barreira (2014), pode-se considerar que as investigações psicopedagógicas relacionadas ao desenvolvimento de um diagnóstico frente aos problemas de aprendizagem abrangem, em primeiro lugar, a aparição do outro (primeiro grau) e a explicitação de sua vivência (segundo grau), focando-se, ainda, no objeto de ensino (nos conteúdos).

Seguindo esta linha de pensamento, a intervenção psicopedagógica buscaria não somente alcançar uma “*explicitação preenchedora de sentido*” (termo de Edith Stein) a tudo o que o sujeito manifesta, mas, ainda, a uma parcial “*objetivação compreensiva da vivência explicitadas*” (o terceiro grau, nos termos de Edith Stein).

Também, segundo Barreira (2014) aponta em relação ao fazer clínico, há que se considerar que toda expressão interpretativa das condições e vivências do paciente “reiteram uma compreensão empática da história e dos anseios do mesmo” (BARREIRA in FILHO, 2014, p. 85).

Contudo, conforme ele indica, nenhuma interpretação pode ser asperamente objetiva, definitiva e fechada. Neste sentido, seria possível fazer um paralelo com o fazer psicopedagógico, no qual se trabalha com hipóteses e com a constante possibilidade de transformação, valorizando o “aqui e agora da experiência empática,

ou seja na companhia afetiva atual relativa a como tocam e resolva as intervenções junto ao paciente” (BARREIRA in FILHO, 2014, p. 86).

É pertinente destacar outra análise do autor com relação ao fazer clínico:

O cuidado clínico se faz fundamentalmente por uma presença que busca testemunhar e acompanhar a pessoa no trilhar de seu horizonte de realização própria. Como, a não ser contando com a própria empatia, o cuidado clínico poderia converter suas dificuldades, seus limites, suas incompreensões e seus equívocos em esclarecimentos, novos alcances, melhor compreensão e correções? Certo, se a empatia, por si mesma, não é suficiente para isso, sem ela, por outro lado, não há o que torne possíveis tais ajustes. (BARREIRA, in FILHO, 2014, p. 87)

Neste contexto, é importante ressaltar que "(...) a vontade comum e a identificação não correspondem a empatia, mas que ambas a têm como pressuposto, atual ou reiterado, sem o qual não podem emergir” (BARREIRA in FILHO, (2014, p. 91).

Fazendo-se um paralelo com as intervenções psicopedagógicas, pode-se considerar que estas têm como papel fundamental proporcionar que o paciente alcance consciência de si mesmo e autonomia, de maneira a caminhar por si só, superando suas dificuldades. Trata-se de trilhar um caminho na companhia de alguém, o paciente, sendo que este mesmo ajudará o psicopedagogo a perceber suas necessidades e a planejar/construir uma trajetória de intervenções que proporcionarão sua mobilização a novos passos, na qual ele mesmo irá se percebendo e se transformando.

Por fim, no contexto da construção de reflexões sobre a possibilidade de aproximar a Psicopedagogia à ideia de empatia, caberia mencionar três termos importantes de Edith Stein, relativos ao ser humano, compreendido nas dimensões corpo, psique e espírito. Eles foram abordados pela Professora Ângela Ales Bello em uma de suas conferências, citada nas referências deste trabalho.

O primeiro termo steiniano seria “instrução” e se refere aos conhecimentos a serem assimilados para compreender o mundo em que se vive.

O segundo termo seria “educação” e remete às capacidades do ser humano, as quais eles têm potencialmente e devem ser desenvolvidas. Relaciona-se, ainda, ao saber orientar-se enquanto corpo, psique e espírito, tendo em vista o mundo circundante, em vista de constituir “comunidade”.

O último termo seria “formação” e estaria relacionado ao aspecto mais importante para todo ser humano, à harmonia para a qual a estrutura complexa do ser humano deve ser levada; refere-se ao espírito, o que distingue o ser humano dos demais animais; remete, ainda, à sabedoria enquanto capacidade de orientar-se com relação ao divino.

Conforme indicado pela Professora Ângela, segundo o pensamento de Edith Stein, o ideal de educação seria harmonizar corpo, psique e espírito por meio da instrução e da formação. E tudo isto acontece no contexto de uma aproximação, de uma interação verdadeira.

Arriscando-se traçar um paralelo com a Psicopedagogia, seria possível considerar que esta também teria a missão de trabalhar as potencialidades dos sujeitos, num contexto de relações e, ainda, para favorecer estas relações, tendo em vista que este “vá além

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu-me compreender a empatia para além da popular ideia de se colocar no lugar do outro. Conforme apresentado no decorrer do mesmo, Edith Stein estudou o tema da empatia a partir de uma perspectiva filosófica, fenomenológica e epistemológica, sob a ótica do conceito de pessoa, o que tornou a questão extremamente profunda, complexa e cheia de beleza.

Tal como foi exposto, esta grande filósofa e teóloga alemã não procurou definir a empatia em si, mas, analisá-la em contraposição a outras diversas experiências humanas, de maneira a extrair sua essência. Em suma, a empatia configuraria um “experienciar a experiência alheia”, atrelando-se, sobretudo, à percepção. E tudo partiria, primeiramente, da formação do conceito de pessoa, concebida em suas três dimensões constitutivas: corpo, psique e espírito, sendo este último o grande diferencial humano.

O fato de o ser humano apresentar uma estrutura comum, algo interior, favoreceria a possibilidade de perceber o que o outro sente ou experimenta, de dentro para fora, reconhecendo-o como semelhante. Contudo, conforme Edith Stein, as percepções externas seriam apenas um aspecto da empatia, a qual estaria identificada à um saber acerca da consciência do outro.

Segundo o pensamento steiniano, a empatia estaria relacionada à capacidade humana de conhecimento recíproco, sendo pressuposto de toda a nossa vida de associações, de interações com os outros. Cabe mencionar que o contato com o outro seria um primeiro movimento de transcendência; o segundo, seria o contato com o divino.

A pretensão de Edith Stein não foi explorar a questão da empatia associando-a a alguma prática, em si, mas, como já mencionado, sob um enfoque teórico, epistemológico. Contudo, alguns estudiosos de sua brilhante obra procuraram realizar algumas aproximações com relação a contextos mais concretos, tornando-se, também, referenciais para a elaboração das reflexões presentes neste trabalho.

Retomando-se a pretensão de verificar a possibilidade de aproximação entre a Psicopedagogia e a ideia de empatia, de Edith Stein, considera-se, primeiramente, a possibilidade de associar a Psicopedagogia à Fenomenologia, uma vez que este enfoque valoriza a experiência, o fenômeno, aquilo que se manifesta - o que é

essencial para investigar e compreender a condição de cada paciente, tendo em vista providenciar os meios de intervenção.

Além disso, a ideia de tomada de consciência acerca do vivido - associadas ao enfoque fenomenológico - também se faz presente no contexto da atuação psicopedagógica, a qual almeja o conhecimento e a valorização do sujeito, por parte daquele que o acompanha e por parte de si mesmo.

O perceber-se no contexto de uma “aprendizagem em dificuldade” faz vir à tona as possibilidades e limites de cada um, sendo importante oferecer um suporte, um olhar, para favorecer o processo de ressignificação que cada sujeito possa vir a fazer. Neste sentido, ressalta-se a importância de se “dar voz” às suas percepções, partindo-se seus interesses e promovendo seu protagonismo, sua própria mobilização em seu percurso de superação das dificuldades. Tudo isto para favorecer a ocorrência de um “encontro pessoalmente significativo”.

A percepção do outro e a promoção do referido encontro seriam aspectos que relacionam a Psicopedagogia e a empatia, já que ambas se dão no contexto da aproximação, do olhar ao próximo, da interação.

Neste sentido, tendo em vista algo mais prático, voltado à minha atuação como Psicopedagoga, penso na possibilidade de trabalhar, qualitativamente, esta aproximação.

Um dos meios seria o de abrir espaço à subjetividade de cada sujeito, de maneira que possa representar e expressar, a partir de seu presente, o que vê, o que sente. Por exemplo, o trabalho com histórias pode ser o primeiro passo para abrir oportunidades de abordar o que cada um pensa e sente, o que percebe, partindo-se, em princípio, do que chama a atenção de cada qual na narrativa e, posteriormente, relacionando à realidade. Tais reflexões seriam feitas partindo-se do tempo presente, de modo que se possam encontrar meios criativos de lidar com a realidade, a partir das questões que emergirem.

Outro caminho seria explorar as diversas expressões artísticas, proporcionando ocasião para representar e criar, expandindo suas possibilidades.

Também, um dos caminhos seria favorecer cada educando chegar à consciência de suas próprias possibilidades, valorizando-as. Para isto, seria interessante explorar diferentes formas de trabalhar certo aspecto (por exemplo: abordar um tema/conteúdo por meio de textos mais conceituais, desafios lógicos, poesias, ilustrações, apreciações artísticas, músicas etc.), favorecendo, assim, todos

os estilos sociocognitivos afetivos, oportunizando as trocas (o que cada um percebeu e sentiu, quais foram suas dificuldades e facilidades) e desafiando a transitar por campos menos familiares, digamos.

Em síntese, noto o quanto é fundamental investir na aprendizagem de se desenvolver a subjetividade (olhar a si e o outro), perceber as fronteiras entre o eu e o outro. Os trabalhos em grupo são as ocasiões privilegiadas para haver este deparar-se com o diferente, exercitando-se no exercício de quem se é, do que se pode fazer para colaborar; exercitando-se na escuta, na humildade e no desafio das construções conjuntas.

Exercitar a divisão de tarefas e até mesmo a troca de papéis seria muito frutuoso para a ampliação da consciência sobre si mesmo, sobre suas possibilidades, bem como para despertar a empatia frente às necessidades dos outros.

Penso que o criar, de forma geral, também será um caminho promissor para as práticas psicopedagógicas identificadas à empatia e a um enfoque mais fenomenológico. Se um dos fundamentos é focalizar o presente, o fenômeno, há que se valorizar e trabalhar o que o educando trazer como prioridade, ou seja, poderá ser algo diferente do que o adulto pensaria que fosse. Assim, penso que é preciso estar aberto às surpresas, às novidades, às reconstruções constantes.

Obviamente, não me refiro a uma prática espontaneísta, mas, à construção de uma mediação “sem estruturas tão prontas e rígidas”, ao cultivo de um olhar sério e comprometido com o outro, com seu auto encontro, com a ampliação de sua consciência, com sua mobilização para que reflita sobre os passos que pode dar, com responsabilidade. Isto configuraria no transitar entre as funções materna (proporcionando ao outro sentir afeto e perceber segurança) e paterna (diálogo com os limites, mobilização), no alternar entre construir pontes e cercas.

Por fim, com relação à empatia, em si, tendo em vista toda a trajetória de reflexões percorrida no decorrer deste trabalho, percebi que esta contempla uma forma de comunicação, um diálogo, já que ocorre na interação, partindo do movimento de ir ao encontro do outro e permitir, também, que este possa vir até mim. Construção de pontes, sem perder de vista o diálogo com os limites. Envolve a humildade para acolher o ser humano com os quais se atua, o silêncio para saber escutar, a abertura verdadeira para buscar compreendê-lo, o respeito, o convite a um trabalho conjunto de construção e aprendizagem.

Neste sentido, aprendi que a empatia envolve, sobretudo, o olhar. O olhar para a pessoa, a forma de enxergar cada qual, em suas particularidades, a valorização de suas potencialidades, de seu estilo sociocognitivo e afetivo. Em essência, um convite a contemplar o “território sagrado” que é o outro, em todo seu valor!

Para finalizar, não posso deixar de mencionar o legado brilhante de Edith Stein. Ela construiu e partilhou saberes; participou - solidária e responsavelmente - de seu meio sociocultural e deixou-nos suas produções acadêmicas que iluminam o mundo contemporâneo e apontam para o essencial: a pessoa, em toda a sua dignidade.

Deixou-nos, ainda, o exemplo de uma existência que aponta para o Alto, para o transcendente, para o que não passa! Tornando-se Irmã Teresa Benedita da Cruz, não deixa tudo o que construiu para trás, mas, dá novo sentido ao que fizera antes. Tem sua vida colhida de forma brutal no campo de concentração nazista, mas, antes, deixa acesa a luz da verdadeira empatia, fazendo-se próxima de cada pessoa, consolando e socorrendo a todos com grande amor. E, assim, seu brilho perdura entre nós!

6. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Zaar, 2004.

CARNEIRO, Suzana F. B. **A formação humana em um contexto de violência**: uma compreensão clínica a partir da fenomenologia de Edith Stein. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2016.

FILHO, Juvenal Savian (org.). **Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein**: apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PEREIRA, Danilo Souza. **Empatia**: uma história intelectual de Edith Stein 1891- 1942. Mariana, Universidade Federal de Ouro Preto: 2018.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. São Paulo: Ecclesiae, 2020.

Consultas à internet

Vídeo: BELLO, Ângela Ales. **O que Edith Stein diria aos jovens?** Conferência 1 do Simpósio “Educar para a eternidade: um compromisso possível? Um diálogo a partir do pensamento de Edith Stein”. Evento promovido pela Pastoral Universitária da PUC-SP e pela TV PUC. Data: 03/08/2020. Presente em: <https://www.youtube.com/watch?v=4n8X16KR7X0&t=66s>

Artigo: **Competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao bullying.** Publicação sem data. Acesso: 08/06/2021. Presente em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-depraticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying>

Artigo: **Educação descreve as 10 competências junto a comentários de especialistas.** Publicação de 5/10/2018. Acesso: 15/05/2020. Presente em: <https://revistaeducacao.com.br/2018/10/05/bncc-competenciasgerais/>